UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JÉSSICA CALHEIROS FARIAS

MONIQUE MELO COSTA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS: REFLEXÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES PARA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA PERSPECTIVA DE PROFESSORAS ALAGOANAS

MACEIÓ

2024

JÉSSICA CALHEIROS FARIAS

MONIQUE MELO COSTA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS: REFLEXÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES PARA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA PERSPECTIVA DE PROFESSORAS ALAGOANAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas como requisito para a conclusão da graduação de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Félix da Silva.

MACEIÓ

2024

Catalogação na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Cláudio César Temóteo Galvino – CRB4: 1459

F224c Farias, Jéssica Calheiros.

Contação de história nos anos iniciais: reflexões sobre as contribuições para alfabetização e letramento na perspectiva de professoras alagoanas / Jéssica Calheiros Farias; Monique Melo Costa. – 2024.

42 f. : il.

Orientadora: Jeane Félix da Silva.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Pedagogia: licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 37-40.

Apêndice: f. 40-42.

1. Contação de história. 2. Ensino fundamental. 3. Alfabetização. 4. Letramento. I. Costa, Monique Melo. II. Título.

CDU: 37.046.12

JÉSSICA CALHEIROS FARIAS

MONIQUE MELO COSTA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS: REFLEXÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES PARA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA PERSPECTIVA DE PROFESSORAS ALAGOANAS

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 18/11/2024.
Orientador/a: Profa. Dra. Jeane Felix da Silva (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora

gov.br Documento assinado digitalmente
JEANE FELIX DA SILVA
Data: 20/12/2024 09:38:59-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Jeane Felix da Silva (CEDU/UFAL)

Presidente

gov.br Documento assinado digitalmente
SUZANA MARIA BARRIOS LUIS
Data: 19/11/2024 17:38:35-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Suzana Maria Barrios Luís (CEDU/UFAL)

2º. Membro

gov.br Documento assinado digitalmente
MONICA PATRICIA DA SILVA SALES
Data: 25/11/2024 22:36:23-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Mônica Patrícia da Silva Sales (CEDU/UFAL)

3º. Membro

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradecemos a Deus, por ter nos concedido a bênção de ter concluído essa etapa em nossas vidas, superando as dificuldades encontradas pelo caminho. Agradecemos também a Nossa Senhora Aparecida, por ter guiado cada passo e escolha em nossa vivência na Universidade, nos dando muita saúde para ter em mãos nosso tão sonhado diploma de pedagogia.

Agradecemos aos nossos amados pais, por todo amor e apoio incondicional, pois foram aqueles que estiveram ao nosso lado nos ajudando a subir cada degrau em nossa carreira profissional. Assim como, aos nossos irmãos, cônjuge e filha por todo incentivo, motivação e positividade em toda jornada de nossa graduação.

Em especial, agradecemos a nossa professora orientadora Jeane Félix da Silva, pela companhia, paciência, valiosas sugestões e toda dedicação nessa última etapa da graduação, não medindo esforços quando precisamos de sua orientação e ajuda. Aos nossos professores(as), agradecemos por todo ensinamento durante nossa vivência acadêmica, assim como orientações profissionais e incentivo a estarmos buscando novos conhecimentos, assim nos tornamos comprometidas com a educação.

E a todos aqueles que, de algum modo, nos ajudaram a enfrentar os obstáculos passados para chegarmos até aqui.

RESUMO

A contação de história é uma estratégia pedagógica que pode contribuir com o processo de alfabetização e letramento, possibilitando a escuta e a imaginação para auxiliar as crianças a se tornarem pequenas leitoras, pois o mundo de faz de conta permite o conhecimento de saberes e valores por meio das histórias contadas. Desse modo, o presente estudo teve como objetivo geral conhecer as contribuições da contação de história para o processo de alfabetização e letramento de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir da perspectiva de professoras alagoanas. Para isso, esta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, foi desenvolvida a partir de entrevistas realizadas com seis professoras, em duas instituições escolares alagoanas, sendo uma privada e a outra pública. As professoras atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental e as entrevistas abordaram sobre o uso da contação de histórias em suas aulas. Os resultados apontam a existência de alguns empecilhos, como a demanda das turmas, a falta de recursos para trabalhar a contação de histórias, a busca pela atenção dos alunos e alunas, dentre outras questões destacadas no presente trabalho de conclusão de curso (TCC) de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas. Apesar desses desafios, as professoras utilizam com frequência e consideram a contação de histórias uma estratégia importante para promover o desenvolvimento da oralidade e da aprendizagem, destacando sua relevância para a leitura e escrita.

Palavras-chave: Contação de História; Ensino Fundamental; Alfabetização; Letramento.

ABSTRACT

Storytelling is a pedagogical strategy that can contribute to the literacy and literacy process, enabling listening and imagination to help children become young readers, as the world of make-believe allows them to gain knowledge of knowledge and values through through the stories told. Thus, the present study's general objective is to understand the contributions of storytelling to the literacy process of children in the early years of Elementary School, from the perspective of teachers from Alagoas. To this end, this qualitative research, of an exploratory nature, was developed based on interviews carried out with six teachers, in two school institutions in Alagoas, one private and the other public. The teachers work in the early years of Elementary School and the interviews covered the use of storytelling in their classes. The results point to the existence of some obstacles, such as the demand of the classes, the lack of resources to work on storytelling, the search for attention from students, among other issues highlighted in this course completion work (TCC) of Pedagogy at the Federal University of Alagoas. Despite these challenges, teachers frequently use and consider storytelling an important strategy to promote the development of speaking and learning, highlighting its relevance for reading and writing.

Keywords: Story Telling; Elementary Education; Literacy; Literacy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 7

2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO..... 12

3. A PASSAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: POTENCIALIDADES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA.....16

4. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA ESCOLA: UMA PROPOSTA EDUCATIVA PARA FACILITAR A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO DE CRIANÇAS..... 18

5. O USO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA PERSPECTIVA DE EDUCADORAS DE DUAS ESCOLAS ALAGOANAS..... 20

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 29

REFERÊNCIAS..... 30

APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA..... 34

1 INTRODUÇÃO

O período de alfabetização e letramento de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental (EF), em específico no primeiro ciclo, é um tema importante para educadores(as), uma vez que essa fase é fundamental para o sucesso na escolarização. Assim, neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nos dedicamos a refletir sobre a contação de histórias como estratégia significativa para o processo de alfabetização e letramento nessa etapa da escolaridade. Tomando como referência as concepções de Magda Soares (2023) acerca de alfabetização e letramento, assim como as mudanças no Ensino Fundamental promovidas pela Lei nº 11.274/2006, foi possível visualizar a importância de utilizar novas práticas pedagógicas na alfabetização e letramento dos(as) estudantes neste ciclo do processo de escolarização.

A linguagem faz parte do ser humano, seja ela corporal, oral ou escrita, utilizada como principal meio de comunicação social. Magda Soares (2023) discorre acerca das diferenças entre alfabeto, analfabeto, alfabetização, letrado, iletrado e letramento, trazendo os conceitos e percepções em relação à aprendizagem. A autora aponta que o letramento ultrapassa a condição de saber ler e escrever, enquanto o sujeito se insere em uma condição diferente de uma pessoa alfabetizada, usando as práticas de leitura e escrita e atendendo às demandas sociais (Soares, 2023).

A leitura é fundamental para todos os grupos sociais em uma sociedade escolarizada como a nossa, na qual o indivíduo necessita saber se comunicar oralmente e textualmente coerentemente. Dessa maneira, é imprescindível o contato com a leitura desde criança, para que, assim, desenvolva a habilidade de escrita, além de habilidades sociais que proporcionem uma visão crítica sobre o mundo. Ainda quando se está na escola, o contato com a leitura desenvolve a escuta e oralidade, facilitando o processo de aprendizagem em todas as áreas de conhecimento.

Segundo Bernades e Gama (2019), as histórias proporcionam o desenvolvimento intelectual e pessoal das crianças. As autoras discorrem sobre como uma história contada de maneira divertida e simbólica pode contribuir significativamente para o desenvolvimento integral do ser humano, desenvolvendo a

criticidade, amadurecimento emocional e auxiliando no processo de autoconhecimento. A contação de histórias é um recurso que contempla o ensino e a aprendizagem de diversos temas, entre eles valores e orientações de comportamentos, além de leitura do mundo, podendo ser utilizada para alfabetizar e letrar mediante a experiência de escuta e fala.

O Ensino Fundamental é um universo diferente para as crianças que ingressam no 1º ano, comparado à Educação Infantil (EI), por precisarem acompanhar conteúdos de diversas disciplinas e realizar testes, e para isso, passam por mudanças em sua rotina escolar e meios de avaliação. Tendo em vista a aspiração à alfabetização, pensamos que a contação de histórias pode ser uma estratégia pedagógica capaz de auxiliar nesse processo, ao estimular a imaginação e o interesse pela leitura. Nas palavras de Busatto:

> O hábito de ouvir histórias desde cedo ajuda na formação de identidades; no momento da contação, estabelece-se uma relação de troca entre contador e ouvintes, o que faz com que toda a bagagem cultural e afetiva destes ouvintes venha à tona, assim, levando-os a ser quem são. “Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser (Busatto, 2003, p. 10).

Essas diferentes dimensões, como ler, contar, criar, bem como o encontro com sua identidade e com a cultura do outro, assim como o imaginário, possibilitam a aprendizagem a partir das histórias. Ao inserir a diversidade cultural das crianças, entonação de voz e a ludicidade, aproximam-se as crianças do mundo da leitura, amplia-se o conhecimento de si pela identificação com as histórias e pela reflexão sobre situações cotidianas vivenciadas pelas personagens, permitindo ampliar seu repertório cultural.

Assim, ao observar a utilização da contação de histórias nos anos iniciais do Ensino Fundamental, diante da realidade da nossa prática, visamos contribuir com a ampliação de conhecimentos sobre essa área. Consideramos que essa reflexão é importante para auxiliar educadores(as) na busca por estratégias para a diminuição do fracasso na alfabetização nos anos iniciais (1º, 2º e 3º ano), bem como na transição acolhedora e gradual da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Visualizamos a utilização da contação de histórias como estratégia para a apropriação e fluência da língua portuguesa ao final do terceiro ano do EF.

Defendemos a contação de histórias no processo de apropriação da leitura e escrita, considerando a alfabetização e o letramento como processos que envolvem características multimodais, podendo envolver o lúdico e o concreto no

mesmo tempo que é possível usar imagens, sons, objetos, fantasias, entre outros. O uso destes pode ser feito, inclusive, de modo interativo com as crianças. Segundo Kanitz e Luz:

> [...] contar uma história para uma criança, ler uma notícia de jornal e comentar em uma roda de amigos são eventos de letramento, porque envolvem diretamente interações mediadas pela escrita em que os sujeitos lançam mão de seus modos de agir pela linguagem para participarem das ações construídas nas interações. Além desses exemplos, há outros em que a escrita não ocupa papel central, mas está incorporada em outras formas de expressão (como a visual); nesses casos, trata-se de eventos e práticas de letramento multimodal (Kanitz e Luz, 607, 2019).

Os dados sobre alfabetização de crianças no Brasil justificam a necessidade de estratégias educativas que mudem essa realidade. Segundo dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância - Unicef (2023), o percentual de crianças com 7 anos que ainda não sabe ler e escrever praticamente dobrou de 2019 a 2022, de 20,5% para 40,3%, como também houve um aumento significativo das crianças de 8 anos na mesma condição, sendo 8,5% em 2019 e 20,8% em 2022. Tomando esse cenário, acreditamos que a contação de história pode ser utilizada como ferramenta de aproximação e envolvimento da leitura para com as crianças, por ter a potencialidade de cada uma delas criar sua imagem e do mundo. Segundo Simões (2000), a leitura e a escrita não implicam apenas no ato de codificar e decodificar, pois:

> [...] o sujeito age sobre as informações que recebe do ambiente e produz a própria linguagem por meio de esquemas assimilados previamente construídos, deixando de lado uma explicitação teórica sobre o contexto, com o qual os indivíduos agem continuamente e tem papel mediador e, portanto, constitutivo, em todo o processo da aquisição da linguagem escrita (Simões, 2000, p.25).

Diante disso, consideramos que o processo de apropriação da língua materna envolve a experimentação e o contato com o mundo físico e imaginário, uma vez que a criança participa ativamente da sociedade e tem contato com o letramento desde bebê. Logo, a referida pesquisa exalta a importância de novas práticas de alfabetização voltadas a apropriação da leitura e escrita, pois esse primeiro ciclo do EF requer maior atenção dos educadores para o planejamento de suas propostas pedagógicas visando o aprendizado voltado às necessidades dessa faixa etária (6 a 8 anos) através de estratégias de alfabetização.

Nesse contexto, o objetivo geral desta pesquisa é conhecer as contribuições da contação de história para o processo de alfabetização e letramento de crianças

nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir da perspectiva de educadores(as) de duas escolas alagoanas. Os objetivos específicos são: 1) Dialogar sobre as mudanças no Ensino Fundamental e a ampliação da possibilidade de trabalhar a contação de história no processo de alfabetização e letramento nos três primeiros anos do EF; 2) Refletir sobre as contribuições da contação de histórias para o processo de alfabetização e letramento das crianças; Este TCC busca responder o seguinte problema: Como a contação de história pode contribuir para a alfabetização e letramento de crianças, considerando a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, na perspectiva de professores(as) atuantes em escolas alagoanas?

Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório. Segundo Severino (2007), uma pesquisa qualitativa é aquela que visa compreender a propriedade de um conhecimento e sua relação por meio da coleta de informações de modo mais aprofundado, sem se preocupar com a quantidade dos dados coletados. A pesquisa exploratória, por sua vez, tem em vista explorar um determinado tema, buscando sinalizar pontos que podem ser aprofundados em pesquisas futuras. No caso desta pesquisa, especificamente, visamos investigar a temática da contação de história como estratégia de alfabetização e letramento nos anos iniciais, a fim de evidenciar para quais finalidades as educadoras desse ciclo a utilizam e quais as possibilidades.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista com seis educadoras de duas escolas do estado de Alagoas, sendo três da rede pública, localizada em Messias, e outras três da rede privada, situada em Maceió. Escolhemos as instituições a partir de nossas vivências durante estágios e atuação profissional. A escola privada atende da educação infantil ao ensino médio e a escola pública atende da educação infantil aos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano). Conseguimos entrevistar seis educadoras pelo contato prévio que possuímos, o que nos permitiu acesso com menor dificuldade.

Nas duas instituições, nos deparamos com educadoras do sexo feminino, quase todas formadas em Pedagogia (com exceção da professora do 1º ano da rede pública, que se encontra em processo de conclusão do Curso), que foram convidadas a participar de nossa pesquisa. Cabe informar que a entrevista foi realizada em períodos diferentes, devido à disponibilidade das educadoras, levando

assim algumas professoras a responderem às perguntas a partir de um questionário (não houve alterações nas perguntas).

Do ponto de vista teórico, de acordo com Gil (2008), o questionário pode ser definido como:

> Técnica de investigação composta por um conjunto de questões apresentadas que são submetidas a pessoas com propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc (GIL, 2008, p.121).

No caso desta nossa pesquisa, tivemos em vista conhecer a perspectiva das professoras participantes sobre a contação de história como estratégia para o processo de alfabetização e letramento no primeiro ciclo (1º, 2º e 3º ano) dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Discorrendo a respeito do uso da contação de histórias em suas aulas, qual a frequência, se gostavam, quais as maiores dificuldades, quais os objetivos, dentre outras utilizações e fatores.

A escolha do tema foi baseada no nosso desejo em se aprofundar na compreensão sobre contação de histórias como estratégia pedagógica no processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, acompanhamos as mudanças que ocorreram com a implementação da Lei nº 11.274, sancionada em 6 de fevereiro de 2006, que modifica o Art. 32 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Essa modificação ampliou o período da criança no ensino fundamental de 8 anos para 9 anos, tendo como um dos objetivos humanizar a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Diante disso, o acolhimento, a valorização das emoções particulares de cada aluno(a) em relação a esse novo ciclo permite o incentivo, motivação e conforto para seguir com o aprendizado e, consequentemente, com o processo de alfabetização e letramento. Desse modo, as práticas pedagógicas podem ser desenvolvidas gradualmente de forma lúdica a partir da extensão/continuação da contação de história como estratégia educativa potente.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está organizado em 6 partes, a saber: esta introdução; a segunda parte faz uma breve contextualização da alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental; a terceira parte aborda a passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental; a quarta parte

contempla a contação de história na escola como uma proposta educativa para facilitar a alfabetização e o letramento de crianças; a quinta parte refere-se ao uso da contação de história na perspectiva de educadoras das escolas pesquisadas; por fim, apresentamos as considerações finais do trabalho. Passamos, a seguir, a contextualizar teoricamente o tema deste estudo.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Como já mencionamos, no Brasil, os índices de analfabetismo de crianças ainda são bastante significativos. Segundo a Agência Brasil[1], dados publicados em 2023 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), a partir de resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), entre 2019 e 2021 "houve uma queda no desempenho da alfabetização", já que "em 2019, 54,8% das crianças avaliadas foram consideradas alfabetizadas" e "em 2021, o percentual caiu para 49,4%". Esses dados indicam que aproximadamente metade das crianças de nosso país ainda não estavam alfabetizadas em 2021, o que consideramos bastante preocupante.

Utilizando um recorte diferente da pesquisa anterior, o documento Pobreza Multidimensional na infância e adolescência, publicado em 2023 pelo Unicef, a partir de dados coletados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PnadC), discorre que "o período pós-2020 revela um aumento preocupante nas taxas de analfabetismo, especialmente entre as crianças mais jovens" (p.28). Os índices de crianças que concluem o Ensino Fundamental sem saber ler e escrever é ainda maior, chegando a 20,5% em 2022. Vale ressaltar que essa pesquisa considerou o período de pandemia, o qual agravou a situação.

Contudo, a preocupação com a baixa alfabetização de nossas crianças não é nova. Para citar uma política que se volta a enfrentar essa situação, trazemos o Plano Nacional de Educação, vigência 2014-2024, publicado pela Lei nº 13.005 de 25 de julho de 2014. Conforme o PNE (2014-2024), até o final do 3º ano do Ensino Fundamental, todas as crianças deveriam estar alfabetizadas, o que observamos que continua longe de acontecer.

Um pouco antes, em 2006, considerando a diminuição da taxa de analfabetismo no Brasil, além de uma transição humanizada da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, foi implantada a já mencionada Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, que indica que os(as) educandos(as) a partir de 6 anos ingressam obrigatoriamente no Ensino Fundamental. Desse modo, em vez de oito

---

[1] Informação disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-09/alfabetizacao-de-criancas-ainda-e-desafio-para-o-brasil#:~:text=O%20objetivo%20%C3%A9%20garantir%20que,%C2%B0%20ano%2C%20afetadas%20pela%20pandemia. Acesso em: 16/03/2024

anos, o Ensino Fundamental passou a ter duração de nove anos de escolarização, divididos em ciclos segundo a idade, sendo os dois primeiros ciclos parte do Ensino Fundamental I. O primeiro ciclo contempla do 1º ano (antiga alfabetização) ao 3º ano, e o segundo ciclo, o 4º e 5º anos, visando avanços na alfabetização e transição gradual e humanizada, pois se tem mais tempo para acontecer o processo de alfabetização (Brasil, 2006).

Dias e Campos (2015, p. 636) relatam que “a criança produz e concebe o mundo com base em suas relações sociais, relações estas sempre mediadas por um Outro”. Por isso, sinalizamos a importância do(a) professor(a) como profissional responsável pela transição respeitosa da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, ao dar continuidade às práticas de acolhimento das crianças. Assim, auxiliará na promoção de sua autonomia durante seu processo de alfabetização e letramento, como respeitará seu processo de desenvolvimento individual.

Considerando o cenário atual de analfabetismo de crianças que cursam até o 3º ano do Ensino Fundamental e que, portanto, deveriam estar plenamente alfabetizadas, fica nítido o desafio para os(as) profissionais da educação que atuam nessa etapa da escolarização. As estratégias precisam ser diversificadas, considerando os diferentes contextos econômicos e sociais nos quais essas crianças e suas famílias estão inseridas. Segundo o documento Pobreza Multidimensional na Infância e Adolescência, considerando as especificidades regionais e os desafios locais, cada estado e município devem refletir, com os(as) educadores(as), sobre estratégias de alfabetização, visando avanços na educação (Unicef, 2023).

Entre as possibilidades educativas para contribuir com esse desafio, acreditamos na potencialidade da contação de histórias. Cabe destacar que a contação de histórias é uma estratégia mencionada na Base Nacional Comum Curricular - BNCC para ser utilizada para potencializar as práticas de linguagem, ali compreendidas como a análise linguística/semiótica, oralidade, leitura/escuta, produção de textos e escrita (Brasil, 2018, s.p). Segundo a BNCC, a contação de histórias consegue ampliar e desenvolver a imaginação e criação da criança em relação a diversos contextos.

Segundo a BNCC (2018), o processo de alfabetização e letramento se inicia na Educação Infantil de maneira mais ampla ao cantar cantigas de roda, escutar e visualizar parlendas, dentre outras práticas cotidianas nessa etapa. Dessa forma:

> As diversas práticas letradas em que o aluno já se inseriu na sua vida social mais ampla, assim como na Educação Infantil, tais como cantar cantigas e recitar parlendas e quadrinhas, ouvir e recontar contos, seguir regras de jogos e receitas, jogar games, relatar experiências e experimentos, serão progressivamente intensificadas e complexificadas, na direção de gêneros secundários com textos mais complexos. (BNCC, 2018, p. 89).

A BNCC entende a alfabetização como o ato de codificar e decodificar fonemas e grafemas da língua portuguesa, devendo ser o foco da ação pedagógica nos anos iniciais (1º e 2º anos) do Ensino Fundamental. Dessa forma: “[...] alfabetizar é trabalhar com a apropriação pelo aluno da ortografia do português do Brasil escrito, compreendendo como se dá este processo (longo) de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante” (BNCC, 2018, p.90).

Embora se utilize de diversos gêneros textuais, os anos iniciais tem como finalidade desenvolver o entendimento acerca do sistema de escrita e leitura da língua portuguesa (alfabeto, relação entre grafemas e fonemas, reconhecer globalmente palavras, codificar e decodificar palavras e textos), pois “aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social” (BNCC, 2018, p.63).

Consideramos a concepção da BNCC simplista, por isso nos respaldamos em Magda Soares que compreende a alfabetização como um estado no qual o indivíduo codifica e decodifica, mas também interpreta e recorre à escrita de maneira ativa e funcional, dessa forma estando letrado. A partir dessa perspectiva, alfabetização e letramento são indissociáveis. Soares relata que “o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado’’ (Soares, 2023, p.47).

De acordo com Magda Soares (2023), estar alfabetizado é a condição em que se aprende a ler e escrever sem se envolver nas práticas sociais de leitura e escrita. Contudo, a partir do envolvimento com tais práticas, pode-se dizer que este indivíduo é letrado. A contar do estado de letramento, a pessoa obtém uma percepção diferente do mundo e seu funcionamento, ampliando suas habilidades

cognitivas, sociais, linguísticas e seu envolvimento cultural. Ou seja, para a autora, não basta codificar os signos, mas compreendê-los em relação ao mundo em que se vive. Desse modo, podemos entender o letramento como “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (Soares, 2023, p.39).

Portanto, o letramento envolve a codificação, decodificação, produção textual, envolvimento com a leitura, além do conhecimento cultural ao qual o indivíduo está inserido, sendo um estado ou condição. Tornar-se uma pessoa letrada traz mudanças significativas em sua vida social e cultural, podendo-se perceber não só a partir da escrita, como também a contar da oralidade, por aumentar o vocabulário e modificar sua perspectiva de vida.

3 A PASSAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: POTENCIALIDADES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Como profissionais da Educação em formação, desenvolvemos estágios remunerados no ambiente escolar e sabemos do desafio - para crianças, famílias e educadores(as) - o qual é o processo de transição entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. São mudanças no modo de se relacionar com a escola e com os processos de aprendizagem, de acesso aos conhecimentos, de se ajustar às diferentes disciplinas e, em alguns casos, a mais de um(a) professor(a). Sobre a passagem das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I, Cecília Goulart relata que "é importante que não haja rupturas na passagem da educação infantil para o ensino fundamental, mas que haja continuidade dos processos de aprendizagem" (Goulart, 2006, p.89).

Considerando esse desafio, defendemos que a contação de histórias é uma estratégia pedagógica lúdica que colabora com o processo respeitoso de transição humanizada, reflexiva e, desse modo, pode ter efeitos positivos na alfabetização e letramento das crianças. Isso porque a contação de histórias é um processo cultural, muitas vezes passado de geração em geração, quando, por exemplo, os(as) avós e/ou pais/mães contam suas histórias para as crianças antes de dormir ou em reuniões de família.

Por este motivo, desde antes de se inserir no ambiente escolar, as crianças deram início ao seu processo da oralidade em rodas de conversas, sentindo-se à vontade para falar. Dar continuidade ao hábito de contar histórias na etapa do Ensino Fundamental fará com que o gosto por escutar se torne incentivo e vontade em ir em busca da leitura/escrita, sem ter que esperar que alguém ofereça. De acordo com Cecília Goulart:

> A linguagem tem um papel marcante na constituição de nossas vidas. A linguagem oral em que as crianças e os adolescentes se expressam está impregnada de marcas de seus grupos sociais de origem, valores e conhecimentos. Logo, seus modos de falar são legítimos e fazem parte de seu repertório cultural, de vida – são modos de ler a realidade. É a partir desses modos de falar/modos de ser que o trabalho pedagógico deve ser organizado, de forma que tenha sentido para os estudantes (Goulart, 2006, p.92).

Outro fator de grande importância é trazer temáticas que explorem a realidade das crianças durante a contação de histórias. É essencial para o desenvolvimento infantil, ler ou escutar histórias, quando isso ocorre no momento da roda na Educação Infantil as crianças têm a oportunidade de despertar o seu pensamento narrativo, vinculado a busca do saber, fazendo o reconto da história do seu jeito e permitindo um caminho para explorar conteúdos e enriquecer cada etapa educacional. A contação de histórias, nesse sentido, pode ser capaz de dar passos para a formação de leitores(as) e ajudar no processo de codificação e decodificação de palavras. Nas palavras de Maria Luiza Kraemer (2021):

> A arte de contar histórias é um valioso instrumento no processo educativo. Além de favorecer a socialização, quando os alunos sentam em roda, eles ouvem a história, comentam e opinam, aprendem a ouvir o outro falar, aprende a falar e expressar-se (Kraemer, 2021, p.10).

Nessa perspectiva, entendemos que a utilização da contação de histórias familiariza e viabiliza a progressão da complexidade da língua materna de maneira respeitosa. E a partir da leitura diária que englobe seu contexto social, a progressão ocorre de maneira dinâmica e gradual até o Ensino Fundamental I.

Segundo a BNCC, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na área de Linguagem, as práticas de alfabetização e letramento devem dar continuidade às vivências durante a etapa da Educação Infantil no que diz respeito a compreensão do meio em que se está inserido, assim como os novos conceitos e percepções acerca do nosso código linguístico. Dessa maneira, visualizamos a potencialidade da contação de história como instrumento de alfabetização e letramento, por ser de competência da área de Linguagem:

> [...] possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil (Brasil, 2018, p.63).

Ainda, segundo a BNCC, a alfabetização acontece através da apresentação de diversos gêneros textuais e se coloca no processo de codificar e decodificar palavras, frases e textos, pois se refere à aquisição da leitura e escrita. É utilizando gêneros textuais aos quais as crianças estão familiarizadas, que aproveitam os

caminhos para apresentar outras propostas, estando aliadas a contribuir para o ler e escrever de cada criança. Porém, toda estratégia deve reconhecer as necessidades particulares de cada indivíduo, sabendo reconhecer meios que favoreçam o estímulo pedagógico diante das facetas da alfabetização. Segundo Soares:

> Como se pode concluir da discussão a respeito do conceito de alfabetização, esta não é *uma* habilidade, é um *conjunto de habilidades*, o que a caracteriza como um fenômeno de natureza complexa, multifacetado. Essa complexidade e multiplicidade de facetas explicam por que o processo de alfabetização tem sido estudado por diferentes profissionais, que privilegiam ora estas ora aquelas habilidades, segundo a área de conhecimento a que pertencem (Soares, 1985, p. 21).

Dessa forma, acreditamos que a contação de histórias pode potencializar a transição da educação infantil para os anos iniciais e colaborar significativamente para a aquisição da língua portuguesa, uma vez que se utiliza do meio cultural de cada um.

Mesmo podendo ser um incentivo para a leitura, existem pontos que merecem destaque para que de fato a contação de histórias possa refletir como um importante instrumento educativo, sendo mais do que alguns julgam, como um passatempo para as crianças. Para os anos iniciais, considerando que as crianças saíram da Educação Infantil, recorrer a recursos como avental e um cenário pode contribuir na concentração desses sujeitos, pois poderá ser incorporado aspectos referentes à atividade de um determinado assunto. Diante disso, a criança poderá ler, ouvir, compreender e praticar. Trazendo o lúdico para uma aprendizagem cooperativa que visa contribuir para uma formação moral nos estudantes. Para Pennac (1993, p.124), “o ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação de leitor’’.

Desse modo, quando propomos a literatura infantil como uma estratégia pedagógica potente no processo de alfabetização e letramento de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental, consideramos importante o uso de narrativas conhecidas, na qual o(a) educador(a) selecione livros que considerem o perfil de sua turma, com vistas a explorar a vontade de saber, conhecer e ter curiosidade por mais. Para Corsino:

> Ler o mundo, ouvir histórias são fatores que influenciam na formação do leitor, uma vez que a formação do leitor se inicia nas suas primeiras leituras de mundo, na prática de ouvir histórias narradas oralmente ou a partir de textos escritos, na elaboração de significados e na descoberta de que as marcas impressas produzem linguagem (Corsino, 2009, p. 57).

Acreditamos que ao despertar o interesse, tanto pelo ato de ler quanto de escutar as histórias narradas, as crianças começaram a socializar melhor com seus pares e, por meio dessa socialização, o processo de alfabetização e letramento acontece de forma mais lúdica e leve.

4 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ESCOLA: UMA PROPOSTA EDUCATIVA PARA FACILITAR A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO DE CRIANÇAS

Como vimos, a contação de histórias colabora com o processo de desenvolvimento humano enquanto estamos inseridos(as) em uma sociedade letrada. Considerando que o primeiro contexto social em que o ser humano se relaciona é o núcleo familiar, consideramos importante que a família inicie o contato da criança com a leitura ainda quando bebê, pois quanto antes a criança tiver contato com a literatura, desenvolverá maior repertório verbal, sentimental, imaginário e valores culturais. Contudo, sabemos que a contação de história vem de um processo cultural, no qual, mesmo que nem todas as famílias tenham condições materiais, culturais e até educacionais para promover esse contato da criança com a leitura, contam histórias oralmente, cabendo à escola evidenciar o registro escrito.

De acordo com Medeiros e Morais (2015, p. 09), a contação de histórias “é uma arte ancestral, cujo fascínio sobre o ser humano permanece, ao longo do tempo, colaborando para consolidação do imaginário coletivo e enredando narradores e ouvintes em uma mesma trama”. Em relação à sua importância durante o processo de escolarização, Sousa e Bernardino (2011) discorrem que:

> A escuta de histórias, pela criança, favorece a narração e processos de alfabetização e letramento: habilidades metacognitivas, consciência metalingüística e desenvolvimento de comportamentos alfabetizados e meta-alfabetizados, competências referentes ao saber explicar, descrever, atribuir nomes e utilizar verbos cognitivos (penso, acho, imagino, etc.), habilidades de reconhecimento de letras, relação entre fonema e grafema, construção textual, conhecimentos sintáticos, semânticos e ampliação do léxico (Sousa e Bernardino, 2011, p. 237-238).

A contação de histórias como estratégia pedagógica proporciona aos(às) estudantes a aproximação com o mundo da leitura, dessa forma adquirem o hábito de ouvir, estimulando a escuta atenta e o imaginário, uma vez que as histórias lidas transcendem a realidade. Ao incluí-la no cotidiano das atividades pedagógicas realizadas nas escolas, a contação de história aperfeiçoa o processo de ensino e aprendizagem, facilitando a aquisição da leitura e escrita. Assim como, colabora para o desenvolvimento cognitivo, possibilitando recriar situações e resolver problemas de sua vivência com mais facilidade.

Com base nas respostas das professoras entrevistadas, por meio da contação de histórias, elas exploram o trabalho da linguagem com sons, músicas, expressões faciais, a criatividade em relação ao cenário e a escolha de um bom

livro. É importante deixar o livro na visão das crianças para poderem escolher contar/recontar histórias, como também trazer leituras nas quais as crianças se identifiquem, para que dessa forma tenha significado e aprendizado.

Para nós, contar histórias é uma habilidade desenvolvida a partir da vivência com a leitura e imaginação. É preciso se identificar e se divertir ao desenvolvê-la. Utilizar linguagem simbólica e saber construir um ambiente envolvente que auxilie na construção e apropriação da identidade da criança. A partir do perfil da turma, o professor pode trazer histórias que contemplem seus interesses e contá-las, recorrendo a entonações e vozes diversas para conseguir a atenção dos(as) estudantes. Segundo Torres e Tettamanzy (2008):

> [...] o principal objetivo em contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, mas, quando bem contada, pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir, conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para trabalhar algum conteúdo programático, assim podendo aumentar o interesse pela aula ou permitir a auto-identificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos (Torres e Tettamanzy, 2008, p.03).

Em síntese, a contação de história oportuniza múltiplas possibilidades, podendo ser utilizadas como suporte em qualquer área do conhecimento, ao proporcionar ao(à) estudante novas concepções acerca das relações sociais, culturais e estruturais, como também o autoconhecimento. Além dos benefícios citados, a literatura, juntamente com a linguagem simbólica, proporciona a aproximação das crianças com o processo de alfabetização e letramento de maneira gradual, tendo em vista que “A linguagem simbólica nos transporta para seu interior pela força do seu sentido, do seu apelo emotivo e afetivo, sem nos persuadir ou convencer, com argumentos e provas” (Bernardes e Gama, 2019, p. 06). Dessa maneira, os(as) estudantes são incentivados(as) a adquirir o gosto pela leitura e buscam interagir ativamente das atividades propostas por se identificarem com um ou mais elementos presentes na história.

Para Torres e Tettamanzy (2008, p.03), “um dos principais objetivos da escola é fazer com que os alunos gostem de ler. Mas, não podemos obrigá-los a isto, temos sim que encontrar formas de persuadir os alunos para que eles próprios busquem a leitura”. Consideramos que a contação de história possui potencial para tal aproximação, seja das crianças que vêm de famílias alfabetizadas ou não. A partir de leituras e das entrevistas com as educadoras, pudemos visualizar o quão

querido e envolvente é o momento da contação de histórias, podendo ser a abertura para escutar e até incentivar a participação ativa mediante encenações e produções de histórias criadas e contadas oralmente. Revisitando os significados que a fala exprime, as educadoras utilizam palavras-chave para desenvolver as práticas pedagógicas voltadas à alfabetização.

5 O USO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PERSPECTIVA DE EDUCADORAS DE DUAS ESCOLAS ALAGOANAS

A partir do pressuposto de que a contação de histórias é uma prática ativa e multidisciplinar, utilizada com frequência em sala de aula, tivemos em vista conhecer como professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental compreendem e utilizam a contação de histórias em suas turmas. Ressaltamos que foram duas instituições educacionais alagoanas, nas quais três professoras são da rede pública, no interior, e as outras três da rede privada, na capital.

Nas respostas obtidas nas entrevistas que fizemos com as seis professoras, foi possível observar em seus relatos a contribuição da contação de histórias para a evolução das habilidades relacionadas à escuta atenta e à reflexão crítica. Com a contação de histórias e rodas de conversas após as contações, as professoras discorreram sobre a compreensão e identificação acerca dos efeitos de sentido de diversas palavras a partir da dialogia, entonação, movimentos corporais, juntamente aos elementos/sinais gramaticais presente na história/texto utilizado, conforme apresentaremos a seguir.

Segundo as participantes desta pesquisa, a contação de histórias ocorre com frequência em sala e, também, em eventos e projetos das instituições. As professoras relataram seu uso para interpretação e compreensão de texto, assim como o desenvolvimento da oralidade e produção de novas histórias a partir da que foi trabalhada. Para elas, a contação de histórias pode potencialmente ampliar os meios para se trabalhar o sistema fônico, gramatical e ortográfico, assim como desenvolver o uso das práticas de leitura e escrita.

Passamos aos resultados das entrevistas. Mas, antes disso, apresentamos o perfil das participantes de nossa pesquisa, conforme o Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Informações sobre as entrevistadas.

Professora	Faixa etária	Formação	Tempo de atuação nos anos iniciais
Professora 1A	Entre 30-59 anos	Licenciatura em Pedagogia	10 anos
Professora 2A	Entre 30-59 anos	Licenciatura em Pedagogia	1 ano e meio

Professora 3A	Entre 30-59 anos	Licenciatura em Pedagogia	3 anos
Professora 1B	Entre 15-29 anos	Cursando Pedagogia	2 ano
Professora 2B	Entre 30-59 anos	Licenciatura em Pedagogia	1 ano
Professora 3B	Entre 30-59 anos	Licenciatura em Pedagogia e Pós-Graduação em Psicopedagogia	23 anos

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 1: (A) Corresponde às professoras da rede privada. (B) Equipara-se às professoras da rede municipal. (1) Representa as turmas do 1º ano do Ensino Fundamental. (2) Refere-se aos 2º anos do Ensino Fundamental. (3) Equivale aos 3º anos do Ensino Fundamental.

Sendo assim, as perguntamos se elas se identificavam com a etapa de escolarização na qual atuam. Para essa pergunta, obtivemos as seguintes respostas:

> “Sim, e muito por sinal. Não pretendo mudar de forma alguma, porque é uma faixa etária que me encanta e me faz pensar nas metodologias a se usar” (Professora 1A).
>
> “Sim, mas minha preferência é a Educação Infantil” (Professora 2A).
>
> “Sim.” (Professora 3A).
>
> “A minha primeira experiência foi com a educação infantil e eu comecei no ensino fundamental no segundo ano de experiência. Demorei 6 meses para me adaptar ao ensino fundamental, mas eu considero hoje que eu gosto sim. Eu me identifico porque são crianças né, estão na fase dos 6 anos, então eu me identifico sim, mas demorei” (Professora 1B).
>
> “Gostei muito desse ano” (Professora 2B).
>
> “Sim. A forma como eles se desenvolvem, como eles buscam a gente, isso me faz buscar cada vez mais conhecimento. O desenvolvimento deles me encanta.” (Professora 3B).

Como é possível observar, as professoras mencionam identificação com a etapa da escolarização em que atuam, aspecto que consideramos fundamental para que as professoras sintam-se engajadas e comprometidas com o processo educativo no qual educam e aprendem ao mesmo tempo. Concordando com Freire (1996) que:

> Desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forrar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à

> condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo (Freire, 1996, p. 25).

Em seguida, as participantes da pesquisa foram perguntadas se fazem uso da contação de histórias para os(as) estudantes e, em caso afirmativo, com qual frequência. Essas perguntas foram respondidas com as seguintes palavras:

> "Sim, porque é algo que sempre gostei. Faço contação de história para meus filhos em casa e trouxe para a sala de aula. Pois, diante a isso acredito que este é um importante fator que carrega consigo uma imensa contribuição para o aprendizado [...]. A frequência com a qual faço a contação é de uma ou duas vezes por semana, isso porque vejo como meus alunos interagem e se desenvolvem com as histórias, assim como, com a forma que faço, sempre pensando em como isso irá contribuir para eles(as)'' (Professora 1A).
>
> "Sim, pois é uma prática que admiro muito. [...] (a frequência é de) "Uma vez por semana'' (Professora 2A).
>
> "Às vezes, devido a demanda da turma [...]. Uma a duas vezes por semana'' (Professora 3A).
>
> "Sim. [...] "Faço (contação de histórias) toda semana, levo histórias e livros literários para contar'' (Professora 1B).
>
> "Faço sim. [...] (A frequência é de) "Uns quatro dias na semana'' (Professora 2B).
>
> "Faço.[...]. "Duas vezes na semana, geralmente segunda-feira e sexta-feira'' (Professora 3B).

Essas falas das educadoras nos permitem destacar que, por ser uma prática que consideram importante, todas recorrem à contação de histórias em suas aulas e em uma frequência bastante usual. Diante da prática, Stocker e Fialho (2019) afirmam que:

> [...]as histórias formam o gosto pela leitura, pois quando a criança aprende a gostar de ouvir histórias contadas ou até mesmo as lidas, ela adquire o impulso inicial que mais tarde a atrairá para o livro e a leitura, além de instruir e enriquecer o vocabulário, as histórias ampliam a visão de mundo, ideias e conhecimentos, além de desenvolver a linguagem e o pensamento. As histórias educam e estimulam o desenvolvimento da atenção, da imaginação, observação, memória e reflexão (Stocker e Fialho, 2019, p.57).

As professoras buscam utilizar a contação de história a partir da literatura infantil para envolver as crianças no mundo da leitura e da escrita, atuando como mediadoras no processo de aquisição da língua portuguesa. Claudia Stocker relata a importância da mediação realizada pelas educadoras, entendendo que "a mediação de leitura é uma ferramenta muito eficaz no processo de entendimento e

apropriação do conhecimento" (Stocker, 2019, p.51). Desse modo, Simões (2000) relata que:

> Especificamente em se tratando da aquisição da leitura e da escrita, essas histórias podem oferecer muito mais do que o universo ficcional que desvelam e a importância cultural que carregam como transmissoras de valores sociais (Simões, 2000, p.23).

Em seguida, perguntamos às professoras se elas gostam de contar histórias. As respostas que nos deram vão na seguinte direção:

> "Sim, pois as crianças escutam com atenção e recontam de maneira espontânea e, quando introduzo uma atividade voltada para a alfabetização eles(as) se sobressaem muito bem'' (Professora 1A).
>
> "Sim, gosto de literatura desde criança, então me sinto estimulada a despertar o gosto pela leitura nos meus alunos'' (Professora 2A).
>
> "Sim, é gratificante ver o quanto as histórias elevam a imaginação e criatividade das crianças e auxiliam no processo de alfabetização'' (Professora 3A).
>
> "Eu gosto. É divertido, pois, ao fazer as vozes, as crianças "se acabam de rir". Eu gosto da participação deles" (Professora 1B).
>
> "Sim, quase diariamente. Fazendo leitura de livro e as vozes dos personagens" (Professora 2B).
>
> "Gosto. Eu amo. É um dos momentos mais gratificante, assim maravilhoso. Eles interagem e vivenciam realmente a história. E eu vou junto" (Professora 3B).

É importante ressaltar que, diante das respostas sobre a contação de histórias ser uma estratégia fascinante para ser proposta pelas professoras no ambiente escolar, consideramos fundamental que elas gostem de contar histórias. Acreditamos que quando um(a) educador(a) faz um conteúdo dialogar e interagir com as ideias e emoções das crianças, isso permite criar asas ao imaginário, sendo fundamental para a aprendizagem acontecer com prazer. Concordando com o que Souza e Bernardino abordam:

> [...] podemos verificar que essas assimilações possíveis, permeadas de encanto e ludicidade, tornam o ato de aprender mais interativo, instigante e estimulante porque falam ao interior de cada criança, propiciando um fazer educativo pleno de significação e envolvimento (Souza e Bernardino, 2011, p.239).

Além disso, como estamos defendendo neste TCC, a contação de histórias é uma importante estratégia para o processo de alfabetização e letramento de crianças. Segundo Silveira (2008):

> Os benefícios de uma contação de histórias são apontados como um importante auxiliar na formação das crianças, na compreensão e assimilação dos significados, assim como no desenvolvimento das práticas

> leitoras. As crianças que escutam as histórias incorporam uma atitude analítica exemplificada pelo orador, por meio de seus comentários e problematizações durante a contação de histórias, permitindo o desenvolvimento do seu senso crítico. Admitimos, também, que a leitura de histórias em voz alta constitui uma oportunidade favorável ao desenvolvimento do vocabulário; o contexto verbal das histórias, assim como a entonação e o ritmo do leitor, constituem uma fonte rica para o desenvolvimento da leitura e da escrita (Silveira, 2008, p.30).

Dessa maneira, o processo de apropriação da língua portuguesa pode ser prazeroso ao usar a imaginação, ao mesmo tempo, em que resolve situações problemas existentes no enredo da história. Podendo ser criada, desenvolvida e contada a partir da necessidade de cada turma ou preferência de cada criança. Assim, o/a contador(a) de histórias tem um papel importante, pois, segundo Stocker e Fialho (2019, p. 50), “[...] o contador pode usar sua criatividade e fazer modificações e adaptações de acordo com a necessidade”. Sendo assim, consegue envolver as crianças e usar sua atenção para potencializar o processo de alfabetização e letramento.

Considerando a importância da formação docente, perguntamos às professoras se elas fizeram alguma formação específica sobre contação de histórias e, em caso negativo, como aprenderam a fazer contação de histórias em suas aulas. Para essa questão, as professoras nos disseram:

> "Não. Aprendi seguindo todo o meu aprendizado de minha formação em pedagogia, assim como, pela exploração do lúdico’’ (Professora 1A).
>
> "Possuo um curso básico de contação de história e diante a vivência em sala de aula aprendo cada vez mais’’ (Professora 2A).
>
> "Não fiz especialização. Aprendi no dia a dia na Educação Infantil e agora estou aplicando nos anos iniciais, pois considero uma proposta pedagógica muito rica para o despertar da imaginação e leitura nos alunos’’ (Professora 3A).
>
> "Eu participei de um minicurso durante a Semana de Pedagogia [evento organizado a cada dois anos pelo Colegiado do Curso de Pedagogia da UFAL], em que davam dicas de como fazer a contação de história e também como criar recursos para contação usando fantoche, palitoches e também tinha mini teatros. E aprendi lendo sobre esse assunto, porque uma leitura sem entonação não dá vida aos personagens, é só uma leitura básica’’ (Professora 1B).
>
> "Não tenho nem um curso na especialização, aprendi com os anos em sala de aula’’ (Professora 2B).
>
> "Infelizmente não tenho, mas aprendi na prática. Primeiro eu comecei escutando histórias através da minha mãe que contava durante a noite. As histórias eram lindas para mim e aí eu me apaixonei por esse mundo. É um encanto. E foi na prática mesmo, com as crianças no meu trabalho que aprendi e me identifiquei’’ (Professora 3B).

Mesmo não possuindo formação específica sobre contação de histórias, as professoras desenvolveram essa habilidade em suas práticas. Contudo, dada a importância da contação de histórias, inclusive com destaque na própria BNCC, é importante que este tema seja incluído nos cursos de Pedagogia, responsáveis por formar os(as) professores(as) para atuar nessa etapa da escolarização. Além disso, cursos de especialização e de formação continuada também precisam ser ofertados acerca do tema.

A contação de história pode ajudar os(as) alunos(as) a desenvolverem o gosto pela leitura, ao perceberem que ela ultrapassa as páginas de um livro, desperta a imaginação, descobrir qual o tipo de leitura é mais interessante para cada um(a), dentre tantas outras possibilidades. Como afirma a professora Abramovich:

> Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir: Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...] Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor, é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...] (Abramovich, 1997, p.16).

Perguntamos, ainda, com quais objetivos a contação de histórias é feita. As professoras responderam que a finalidade da contação de histórias nos anos iniciais seria:

> "Alfabetizar, estimular o hábito de ler, ampliar o vocabulário e desenvolver a imaginação e a criatividade'' (Professora 1A).
>
> "Envolver a turma, abordar algum conteúdo que está sendo estudado. Por exemplo, o assunto é alimentação saudável, eu trabalho a contação de história com o livro ""A VIAGEM DE BALÃO PELO REINO MÁGICO DA ALIMENTAÇÃO''. Desse modo, utilizo para desenvolver o gosto pela leitura, estimular a imaginação e despertar sentimentos diversos nos alunos'' (Professora 2A).
>
> "Auxilia no desenvolvimento cognitivo e socioemocional da criança, assim como, incentiva a leitura e escrita'' (Professora 3A).
>
> "Para o processo de alfabetização e pra que eles tenham interesse em entrar no mundo da leitura'' (Professora 1B).
>
> "Promover o desenvolvimento cognitivo e social da criança, melhorando sua capacidade de comunicação'' (Professora 2B).
>
> "Para o desenvolvimento cognitivo do aluno, a fala, seu vocabulário. Acho que para desenvolver todas as habilidades, porque vai trabalhar a imaginação, articulação, dramatização e também a musicalização. Eu creio assim, que é a contação de história que trabalha praticamente todas as habilidades, ela desenvolve o aluno integral'' (Professora 3B).

As professoras compreendem a importância da contação de história no processo de alfabetização e letramento das crianças, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, a aquisição de vocabulário e o exercício de criatividade. De acordo com Stocker e Fialho (2019, p. 54), a partir da contação de história “[...] pode-se atingir não somente o plano prático, mas também o nível do pensamento e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério”. Dessa forma, a criança pode elaborar (escrita ou verbalmente) suas próprias histórias e cenários a partir da sua criatividade e imaginação.

Outro aspecto presente no questionário foi sobre o interesse dos(as) estudantes, questão para a qual as professoras disseram que:

> "Sim, eles interagem e se divertem muito. Penso que é uma prática que deve ser sempre executada, pois traz à tona o aprender brincando. Assim como, podemos fazer com que as crianças não fiquem presas nos métodos antigos’’ (Professora 1A).
>
> "Na maioria das vezes sim. Ocorre mais interesse quando a contação é de uma história mais longa, em que dividido pelos dias da semana, eles ficam ansiosos pela conclusão da história’’ (Professora 2A).
>
> "A maioria da turma sim, alguns alunos acham que é mais para Educação Infantil’’ (Professora 3A).
>
> "Eles gostam principalmente quando você dá vida àqueles personagens, quando faz a entonação e quando demonstra envolvimento com as histórias’’ (Professora 1B).
>
> "Sim, as crianças demonstram interesse’’ (Professora 2B).
>
> "Sim, gostam bastante. Eles interagem e participam, parece até que estão dentro da história. Eles gostam bastante. E ajuda em sua aprendizagem” (Professora 3B).

Sabemos que atrair a atenção dos(as) alunos(as) é um grande desafio para quem atua como professor(a), já que muitos(as) acabam se distraindo e não dando atenção às aulas. Desse modo, um ponto em destaque da nossa pesquisa é que a contação de história pode ser adaptada à realidade de cada sala, atentando para o que de fato chama a atenção daqueles(as) alunos(as), particularmente aos(às) em transição da educação infantil para o ensino fundamental. Acreditamos que seria interessante contar histórias que levam essas crianças ao encontro de uma realidade para aprender a ler e escrever, permitindo, como descreve a Professora 1A, “aprender brincando’’. Concordando com Souza e Bernardino:

> [...] a ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a autoexpressão, assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao

> prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem. (Souza & Bernardino, 2011, p.237).

Outro ponto que merece destaque nas respostas é a respeito da fala da Professora 3A ao dizer que a contação de história tem essa “ideia’’, por algumas crianças, de ser algo da educação infantil. Portanto, levar essa prática para o ensino fundamental irá mudar essa percepção e, quem sabe, abrir caminhos para o mundo do conhecimento é algo visto em toda formação do sujeito. Ao serem perguntadas se consideram a contação de histórias importante, elas responderam do seguinte modo:

> "Sim, pois essa prática promove o desenvolvimento da criança e ajuda na comunicação, no gosto pela leitura, na interação entre seus pares e é um prazer ver toda essa estimulação em prol do conhecimento’’ (Professora 1A).
>
> "Muito importante, pois ajuda em vários aspectos no âmbito pedagógico e nas competências socioemocionais. Além de possibilitar viajar junto com nossos alunos para mundos diferentes, desenvolvendo a imaginação e aumentando o repertório cultural’’ (Professora 2A).
>
> "Sim, porque vai trabalhar a imaginação da criança, criatividade, incentiva a leitura e auxilia na alfabetização’’ (Professora 3A).
>
> "Sim, porque faz a criança usar a imaginação e auxilia no processo de alfabetização. Também faz a criança sentir e ter interesse no processo de aquisição de leitura e escrita’’ (Professora 1B).
>
> "Com certeza. Ela pode favorecer a aprendizagem das crianças. É uma das possibilidades de trazer o lúdico’’ (Professora 2B).
>
> "Bastante. Porque como foi falado anteriormente, ela desenvolve diversas habilidades nas crianças né e faz com que as crianças entrem no mundo da imaginação e elas podem ser o que elas quiserem. E também a questão de trabalhar o corpo, trabalhar o cognitivo e trabalhar um todo na criança. Então acho que é importante’’ (Professora 3B).

Em relação à contação de histórias, nas falas das professoras participantes de nossa pesquisa, observamos certo consenso sobre a importância dessa estratégia no processo de alfabetização e letramento de crianças. E, ainda, considerando a importância da contação de histórias nesse processo, perguntamos se e como a contação de histórias é feita com esse fim. Elas responderam que:

> "Sim. Convidando os alunos a ler, aprendendo a sonoridade das formações silábicas desconhecidas e também desenvolver a fluência na leitura. Enviando literatura para ser lida em casa com a família exercitando a prática de ler’’ (Professora 1A).
>
> "Sim, podemos trabalhar a questão fonológica, explanar o livro e trabalhar com ele a sequência didática do livro com atividade de alfabetização como separação de sílabas e a construção de frases" (Professora 2A).

> "Sim, pois quando usando a contação de história levamos as crianças para o mundo da imaginação, ela é influenciada a se interessar pela leitura e escrita'' (Professora 3A).
>
> "Sim. Na leitura é importante mostrar para as crianças como que se lê, da esquerda para direita, e também mostrar para elas as palavras que tem na história. É importante depois tirar palavras chaves de lá para introduzir no processo de alfabetização'' (Professora 1B).
>
> "Sim. Com ludicidade, letra bastão, e ilustração'' (Professora 2B).
>
> "Trabalhando o contexto né, numa socialização com as crianças. Também é trabalhado as palavras que são retiradas do texto, construção de frases, pesquisa em dicionário, claro que com ajuda né. E também a própria imaginação deles. A gente trabalha várias coisas dentro daquele contexto da história. Então, trabalhando com a imaginação deles, a gente busca trazer algumas dinâmicas voltadas ao contexto da história, na qual vai desenvolvendo essa aprendizagem da alfabetização. Leitura de imagens, listagem, ditado, também uso bastante'' (Professora 3B).

Diante dessas falas, percebemos que as professoras participantes da pesquisa levam a alfabetização e contação de história em conjunto, pois consideram importante o socializar das crianças em uma etapa diferente da educação infantil, que vai desenvolver melhor o ler e escrever, a partir da interpretação, da criação, da argumentação, do questionamento e do recontar a história. Em relação às dificuldades de realizar a contação de histórias, as professoras nos disseram:

> "Quando os livros não são suficientes, diversificados e também a questão da faixa etária que é muito importante está de acordo com os alunos'' (Professora 1A).
>
> "Engajar todos os alunos no momento da contação'' (Professora 2A).
> "Para as turmas de 3º ano seria mudar essa ideia de que contação de história é coisa de Educação Infantil'' (Professora 3A).
>
> "Às vezes é a falta de tempo para realização de recursos, acho que essa é a maior, tanto financeira quanto de material'' (Professora 1B).
>
> "Quando não se tem materiais para se trabalhar e alunos desmotivados'' (Professora 2B).
>
> "Eu não tenho tanta dificuldade, a não ser questão de recurso para comprar ou confeccionar fantasias e cenários'' (Professora 3B).

As falas das professoras sobre as dificuldades com a contação de histórias focam nos aspectos pedagógicos, na importância de engajamento dos/as estudantes e na falta de recursos para comprar materiais necessários ao desenvolvimento desta atividade. A falta de recursos, inclusive, faz com que muitos(as) professores(as) acabem tirando do próprio salário recursos para comprar materiais que deveriam ser fornecidos pelas escolas. A escolha dos livros é outro

aspecto importante destacado pelas professoras. Acreditamos que a escolha do livro pode levar à motivação ou à desmotivação por parte das crianças. Por isso, a importância das professoras receberem formação sobre o tema para aprender, inclusive, como fazer as melhores escolhas para as suas turmas.

Por fim, perguntamos às professoras o que facilitaria ou aumentaria a frequência da contação de histórias voltadas ao processo de alfabetização. Para essa questão, obtivemos as seguintes respostas:

> "É importante seguir uma rotina literária organizada desde o início do ano letivo até o final do mesmo. Também usar estratégias de modificar o lugar a ser lida as histórias não limitando-se apenas a biblioteca, buscar outros âmbitos como parque e pátio. Realizar um momento de apresentação teatral dos alunos e também da professora apresentando para outras turmas'' (Professora 1A).
>
> "Acredito que essa temática deve fazer parte da formação continuada dos professores, assim ela estaria mais presente no processo de alfabetização. Como também, que no planejamento semanal a contação de história fosse inserida junto a uma sequência didática'' (Professora 2A).
>
> "No 3° ano não temos um horário para contação de história, acho que para aumentar a frequência poderíamos ter um horário semanal dentro da grade para trabalhar a contação voltada para a alfabetização'' (Professora 3A).
>
> "Formação e tempo. Porque eu sinto que ainda existe muita insegurança entre os professores na contação de história. E tempo reservado para produção de material'' (Professora 1B).
>
> "Livros novos, um lugar aconchegante. A contação de histórias é uma estratégia que pode favorecer de maneira significativa a prática docente'' (Professora 2B).
>
> "A demanda de documentação e projetos. Porque se fossemos trabalhar a história em si, daria para usar em tudo. Mas sempre tem uma coisa para fazer'' (Professora 3B).

Em relação aos aspectos facilitadores, as professoras relatam que a contação de história demanda um espaço apropriado, livros novos, ter um horário específico para a atividade, além de ser inserida na formação continuada no currículo escolar.

Assim, analisando as falas das discentes, é possível afirmar que praticar a contação de histórias possibilita às crianças aprenderem e construírem saberes de forma leve e lúdica. Ao comparar os relatos das professoras das duas escolas, percebemos uma diferença significativa em relação aos desafios para a implementação de rotinas literárias. Enquanto na escola pública a principal dificuldade está relacionada à falta de recursos e formação específica, nas escolas particulares o principal entrave é a gestão do tempo.

Embora ambas instituições tenham projetos, a utilização de módulos na rede privada implica significativamente na intensa rotina, na qual se caracteriza pela necessidade de concluir os módulos, limitando assim as possibilidades das professoras dedicarem tempo suficiente para aprimorar suas práticas de contação de histórias, mesmo quando são oferecidas formações. Já a rotina da instituição pública é mais flexível, contudo os educadores possuem maior carência se tratando de recursos e formações continuadas voltadas à contação de histórias. Por isso, consideramos que ser educador é superar as dificuldades do cotidiano escolar. É o discente que busca por novos conhecimentos e dedica mais tempo a elaborar propostas que ampliem os conhecimentos das crianças, e com a contação de histórias, o sentido levado ao Ensino Fundamental faz o professor ser o narrador de novos caminhos e os alunos serem os personagens principais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este TCC nos proporcionou reflexões importantes em relação aos anos iniciais do Ensino Fundamental (EF) e a prática da contação de histórias no processo de aquisição da língua portuguesa. Sendo a escola um espaço educativo de construção e reconstrução de saberes, no qual deve proporcionar o desenvolvimento das crianças, acreditamos que os(as) profissionais devem estar preparados(as) para contribuir e impulsionar os(as) alunos(as) em seu processo de alfabetização e letramento no primeiro ciclo do EF.

Trouxemos a contação de história como prática rotineira, que se estende da Educação Infantil aos anos iniciais do Ensino Fundamental, como contribuição significativa para o desenvolvimento cognitivo, social e físico do estudante. Também evidenciamos sua prática dentro das escolas de modo que unisse os conteúdos, a imaginação e a socialização das crianças. Desse modo, foi possível notar que a contação de histórias desperta o interesse pela leitura e escrita.

Tendo em vista a importância da contação de história no processo de alfabetização e letramento, percebemos a relevância de mais estudos voltados a sua prática no Ensino Fundamental para diversos fins. Os alunos, segundo as educadoras entrevistadas, demonstram imenso interesse nessa prática, deixando mais convidativo e interessante a iniciação de novos conteúdos.

A partir das entrevistas com as professoras, foi possível observar o uso frequente da contação de histórias para potencializar os momentos de aproximação das crianças com o nosso sistema de escrita alfabética, a fim de facilitar a aquisição da língua portuguesa e torná-las leitoras. A partir deste TCC visualizamos o quão importante é inserir as crianças no mundo letrado, tanto quanto nos introduzirmos no mundo imaginário delas e o utilizarmos para ampliar seus conhecimentos e nossas práticas pedagógicas. A contação de história já está sendo utilizada como ferramenta para aquisição da leitura e escrita, contudo faltam formações para os docentes, e esse é um assunto a ser estudado e ampliado em um futuro próximo.

Sendo assim, a relevância deste estudo nos garantiu também evidenciar e chamar a atenção para os/as profissionais da educação de que estamos diante a uma era tecnológica, em que nossas crianças se deparam o tempo todo com filmes, desenhos e séries e, em muitos casos, que colocam leitura e livros de lado.

Consideramos que despertar, desde cedo, o gosto pela leitura, por meio de um amplo leque de histórias para cada gosto e, principalmente, planejar aulas que estimulem os(as) alunos(as), criando momentos de engajamento que enriquecem o processo de ensino e aprendizagem. Finalizamos ressaltando que a contação de história serve muito mais do que apenas para entreter as crianças, ela é uma prática pedagógica rica que possibilita a curiosidade por mais conhecimento, desenvolvendo dessa forma o enriquecimento do vocabulário e contribuindo para o mundo da alfabetização e do letramento.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 5ª ed. São Paulo. Scipione, 1997.

BERNARDES, Claudine; GAMA, Flávia. **Contos que curam.** São Paulo, SP: Literare Books International, 2019.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9.934, de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1996. Disponível em:http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 06/01/2024 .

BRASIL. Lei nº 11.274, de 06 de Fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 27, p. 1-2, 7 fev. 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm. Acesso em: 27/07/2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 03/10/2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico**: Censo Escolar da Educação Básica 2021. Brasília, DF: Inep, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2021.pdf. Acesso em: 10/01/2024.

BRASIL. IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, [ano de acesso]. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html. Acesso em: dia mês ano.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024**: Linha de Base. Brasília, DF: Inep, 2015. Disponível em: https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014. Acesso em: 10/01/2024.

CORSINO, Patrícia. **Prática Educativa da Língua Portuguesa na Educação Infantil**. Curitiba: IESDE Brasil/A. 2009.

DIAS, E. B; CAMPUS, R. Sob o olhar das crianças: o processo de transição escolar da educação infantil para o ensino fundamental na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** , v. 244, pág. 635–649, set./dez. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbeped/a/NzwWDwqBdtMspKXJqXNw4nc/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 05/01/2024.

ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS: PASSO A PASSO DO PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO. Brasília: Ministério da Educação, 2009. 2º edição. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passo_a_passo_versao_atual_16_setembro.pdf. Acesso em: 10/01/24.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996. Coleção Leitura.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Pobreza multidimensional na Infância e Adolescência**. Brasília: UNICEF Brasil, 2023. Disponível em: https://static.poder360.com.br/2023/10/unicef-pobreza-na-infancia-e-adolescencia-pdfp-2022.pdf. Acesso em: 24/09/24.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. [*S. l.*]: Editora Atlas, 2008. Disponível em: https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf. Acesso em 03/10/2024.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo : Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em 03/10/2024.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa**: tipos fundamentais. RAE - Revista de Administracao de Empresas , *[S. l.]*, v. 35, n. 3, p. 20–29, 1995. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 29/01/2024.

GOULART, Cecília. A organização do trabalho pedagógico: Alfabetização e letramento como eixos orientadores. In: **Brasil: Ensino Fundamental de Nove Anos: Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília, 2006. p. 87-98. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensfund9mais1.pdf#page=87. Acesso em: 09/03/24.

KANITZ, Andréia. LUZ, Raquel Leão. **Letramento multimodal e construção conjunta de conhecimento na fala-em-interação**. Rev. Bras. Linguíst. Apl., v. 19,

n. 3, p. 603-633, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbla/a/5rk4bDTfWFSSLkZXdBqF9YD/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 26/11/2024.

KRAEMER, M. L. **Histórias infantis e o lúdico encantam as crianças**. São Paulo: Autores Associados, 2021.

KLEIMAN, A. B. **Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Linguagem e letramento em foco. São Paulo: Unicamp, 2005.

MEDEIROS, F. H. N; MORAIS, T. M. R. **Contação de histórias: Tradição, poéticas e interfaces.** São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. Disponível em: https://issuu.com/edicoessescsp/docs/trecho_contacao. Acesso em: 23/10/2024.

PENNAC, Daniel. **Como um romance.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3480016/mod_label/intro/SEVERINO_Metodologia_do_Trabalho_Cientifico_2007.pdf. Acesso em: 03/10/2024

SILVEIRA, B. F. **Contação de histórias na sala de aula**: um poder mágico! Revista Prolíngua, v. 2, nº2, p. 34-39, 2008. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/13402/7606. Acesso em 02/10/2024.

SIMÕES, V. L. B. Histórias infantis e aquisição de escrita. **São Paulo em Perspectiva** , v. 1, pág. 22–28, 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/j/spp/a/sLKv5jJcdwWStCbv8V6cL6c/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 24/09/2024.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SOARES, Magda B. **As muitas facetas da alfabetização**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 52, p. 19-24, fev. 1985. Disponível em: https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1358/1359. Acesso em 06/07/2024.

SOUZA, L. O; BERNARDINO, A. D. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental.** Educere et Educare, *[S. l.]*, v. 6, n. 12, p. 235-249, 2011. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643/4891. Acesso em 02/10/2024.

STOCKER, Claudia Teresinha; FIALHO, Janaina Ferreira. **A contação de histórias como recurso na formação de leitores**: projetos permanentes e gestão profissional na Biblioteca Pública Infantil de Sergipe no período de 2007 a 2018. Aracaju: Infographics, 2019. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13324/2/CLAUDIA_STOCKER_Contacao_Historias.pdf. Acesso em 06/06/2024.

TORRES, S. M.; TETTAMANZY, A. L. L. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, jan/jun 2008. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/5844/3448. Acesso em: 06/06/2024.

APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

(Entrevista direcionada aos profissionais que atuam diretamente no 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental na rede privada e pública de ensino)

Dados Pessoais:

1. Identificação:
2. Nome da escola:
3. Função/Cargo:
4. Município:

1. QUESTÕES PESSOAIS

1.1 Sexo:

( ) Masculino ( ) Feminino

1. 2 Idade:

( ) 15-29 ( ) 30-59 ( ) 60 ou mais

2. FORMAÇÃO/ ATUAÇÃO/ CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

2.1 Qual a sua formação?

2.2 Há quanto tempo leciona nos anos iniciais?

2.3 Se identifica com o ano?

2.4 Quantos estudantes estão frequentando as aulas?

2.5 Você faz contação de história?

2.6 Qual a frequência?

2.7 Você gosta de realizar a contação de história?

2.8 Você tem algum curso ou especialização em contação de história? Como aprendeu?

2.9 A contação de história é utilizada para quais objetivos?

2.10 Os estudantes demonstram interesse?

2.11 Para você, a contação de história é importante?

2.12 A contação é utilizada no processo de alfabetização? Como?

2.13 Quais as maiores dificuldades em realizar a contação de história?

2.14 Para você, o que facilitaria/ aumentaria a frequência da contação de história voltada ao processo de alfabetização?